



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO

O SECULO

DE SANTA
RITA



Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

NOTA DO AUTOR — Esta novela, de contextura por vezes dramática, embora escrita numa linguagem que supomos acessível a todas as crianças, é, todavia, apenas destinada àquelas cuja idade não seja inferior a doze anos. Para as outras, mais pequeninas, brevemente iniciaremos curtas historietas, de inquério e simples entreech.

PRÓLOGO

Desgraça sobre desgraça



É MOLEIRO vivia com sua filha, a Rosa, recentemente viúva do Ti'Tónio Gião, cavador de enxada, que fôra um moço sadio, morto na Grande Guerra.

Casado havia apenas, um ano, deixára um filho de um mês quando fôra obrigado a incorporar-se no C. E. P. — (corpo expedicionário português) — ao encontro dos «biches» inimigos.

Rosinha, que tanto amara o marido e com êle fôra feliz em companhia do pai, apesar de lhe haver morrido a mãe quando de colo ainda, só começara a ser infeliz desde a sua partida. Desgraça sobre desgraça, logo, ao regressar do pequenino apeadeiro da sua aldeia, por manhã invernososa, onde o pai do seu pequerrucho, quasi recém-nascido,

(Continua na página 3)



...lhe dissera o último adeus...



Antevésperas de partida

por Maria Branco
Desenhos de Castañe



ÉBÉ Joanico, partirá brevemente para a praia. Que alegria!

Tôdo o ano aferrolhado adentro daquele casarão solarengo, saltitando, só de quando em vez, pelo jardimzinho arruado de vetustos buxos e emaranhadas rose iras.

Agora, como nos anos anteriores, permitir-lhe-iam certas diabruras, tais como cabriolar, molhar-se, remexer na areia.

Que bom! Que bom!

Mas porque tinha o mar o

condão de quebrar as intrangências da tia-avó?

Porque era tão limitado o tempo em que livremente gozava da sua infância em flôr?



E Joanico ficava-se longo tempo a pensar, não se poupando em imaginação a tôda a série de conjecturas. Albertina, a filha do cocheiro vem ajudar a arrumar os brinquedos que acompanharão Joanico nas suas férias.



O barco de véla, o gasolina, o navio, a caixa dos soldados, outros de diferentes feitios e coloridos...

Joanico, insaciável, não descança de acarretar.

O palhaço de engonço, as ferramentas, os jogos dos mosaicos, as arcas de Noé, a vaca leiteira, o comboio e o carro electrico.

Fatigado, vai debruçar-se à janela, donde se descobre o panorama da pequena cidade provinciana.

Entretanto Albertina, com meia dúzia de bonecos entulhara a pequena malinha de mão.

Joanico indignado.

— E onde vai o resto?

— Não cabe mais nada, menino.

— Porquê?! insistem, persistentes, os quatro anos de Joanico.

— Não vê o tamanho da mala?

— Isso não é uma razão, respondeu Joanico.

Olha cá. Vês, além, o palácio do tio Francisco? Ali a Sé? Lá adiante o quartel? Ao fundo a Várzea? E por cima de nós o céu infinito, o firmamento sem fim?

Como te cabe tudo isto nos teus olhinhos tão pequenos!

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■



—«Que sucedeu, Ti' Rosária

Continuação da página 1)

lhe dissera o último adeus, entre a chusma dos companheiros, serranos e magalas como êle, viera dar com o moinho partido, duas pás derrubadas, que levaram um «rôr» d'horas a consertar.

Desde então, nunca mais a mó funcionou como dantes. Assim que o temporal aumentava de fúria, logo o açude fazia de novo estostrar o grosso arame que sustentava as pás partidas, ao mesmo tempo que o vento levava as pragas que o pobre Ti'Zé Moleiro soltava constantemente: — «Má-raios, má-raios... T'arrenego, diabo!.. »

*
*
*

Certa manhã, decorridos dois meses, enquanto o pai consertava, pela décima vez, as pás dismanteladas, Rosinha, na casa pobre, pouco mais que choupana, acudia à lamúria aflitiva, à carpideira da Ti'Rosária do Adro, velha beata, rata de sacristia, que, por morte da mãe, a amamentara, e lhe trazia, agora, quando em quando notícias do seu Tónio, companheiro do neto que para França partira no mesmo dia em que êle fôra. Havia já três semanas sem carta...

«Ai, Senhora das Dores, ai Senhora das Dores!...» gritava a Tia Rosária, limpando à dobra do chale, verde-negro, o rosto macilento, enrugadinho, todo banhado em pranto.

— «Que sucedeu, Ti' Rosária?!... Vá, de pronto: — má nova?!...» interrogou a tremer e de chôfre assaltada por mau pressentimento.

— «Mocinha, mocinha!... O teu «home», o ti'Tónio... e, extendendo uma carta, a carta do seu neto, Ti'Rosária do Adro, a gaguejar, mal já se atrevia a comunicar a nova:

— «Vá de pronto...!» gritou, fora de si, Rosinha alicinada, com esgazeado olhar:

— «Ferido?! Foi ferido ou morto?!».

E, então, abraçando-se a ela, a pobre velha, numa sufocação, entre soluços, apenas balbuciou: — «Deus o tenha no Céu!»

Ao baque do corpo inanimado de Rosa, desmaiando, e aos gritos de «acuda, acuda Ti'Zé...» — O moleiro, já informado pela Tia Rosária, da grande fatalidade,

pegou na filha, a chorar e, levando-a para casa, onde a deitou sobre a enxerga, de novo bradava o praguejante estribilho: — «Má-raios, má-raios, má-raios!...»

Decorreu mais um mês...

Era linda a Rosinha há pouco tempo ainda! E hoje... Escaveirada, pálida, olheiranta, os seus olhos azúis, embora ainda, por vezes, scintillassem e deixassem pressentir o seu antigo esplendor, tinham, agora, sempre anuviados pelo pranto, apenas a fugaz magia duma estrêla — a mais linda — reflectida num charco de água turva, estagnada.

O seu cabelo doirado, como o trigo nas eiras, agora sempre escondido na dobra do lenço negro que o luto impunha, já lhe não emoldurava o rosto tão côr-de-rosa outrora e agora tão côr-de-cera. Metia dó a Rosinha!

Sorria, apenas, ao filho, e, mesmo assim, tristemente, ao dar-lhe de mamar. Mas já o leite era pouco; quasi se lhe secára, à fôrça de desgostos e o pequenino, insatisfeito, às vezes, chorava, chorava, chorava, rabujentinho, com fome.

Dotada de uma voz prodigiosa, cujo valor nem sonhava, entoava, então, ao seu menino, cantigas de ador mecer:

Dorme, dorme, meu menino,
que teu pai foi para a guerra,
onde, por triste destino,
pelo Céu trocou a Terra.

Era tal a suavidade da sua voz, a pureza do timbre a sua virtuosidade, que dir-se-hia aclarar o espaço em seu redor, retrocederem as horas, quando, à boquinha da noite, lhe cantava:

Dorme, dorme, Anjo do Céu,
que o teu pai, segundo ouvi,
por sua Pátria morreu,
emquanto eu morro por ti!

* * *

Súbito, um grito, perto, logo seguido de angustioso

alarido, alarmou a pobre viuva, despertando a criança quase pegada no sono.

Presentindo a nova desgraça, correu a casa. — «Jesus, Jesus, que seria?!» — depôs o pequenino no berço, dirigiu-se para o local, donde os gritos partiam: — o moinho, o açude! Porém, não teve coragem de avançar, ouvindo a exclamação piedosa de cada um que havia presenciado a horripilante tragédia e que, sem nela haver reparado ou presentido a sua presença, comentava constricto:

— «Pobre Ti'Zé Moleiro! Triturado no açude!»
— «Pai do Céu que desgraça!...»
— «Mas que morte horrorosa!»

Viuva e órfã, na manhã seguinte à morte do pobre pai, após o enterro e uma noite inteira a soluçar no regaço da Tia Rosária do Adro, Rosa Gião pôs-se a pensar na vida que a esperaria agora. Sôzinha no mundo, com um filhinho no colo, única companhia que inda por cima a vinha encher de cuidados, já sem pinga de leite para o amamentar, que fazer, que fazer?!...

Tia Rosária lembrou: — «A mulher do Ti'Chico da Nora, a quem mês nascera há um mês uma menina, faria a esmola de amamentar o dela, enquanto Rosa não pudesse pagar a uma ama mercenária. E, condôida ao ouvir o pequenino a chorar, cheio de fome, arrebatou-lho do colo, exclamando a animá-la: — «Confia-me o teu menino. Trago-to já; vai mamar!»

— «Obrigada, obrigada!» murmurou numa voz sumida, que os soluços e o pranto inda mais abafavam, vindo a desaparecer ao voltar da esquina.

Entretanto, Rosa tomava uma deliberação. Dirigiu-se à padaria do Ti'Manel Rendeiro, o mais abastado comerciante da terra, que em tempos propuzera ao pai a compra do moinho, a propôr-lhe o negócio, embora houvesse oferecido, então, menos de um quinto do seu real valor.

Qual astuta e matreira raposa aguardando a incauta ovelhinha, feita a proposta, Ti'Manel Rendeiro, já sabedor do desastre, começou por desdenhá-la, que não queria que viesse a suceder-lhe o mesmo que ao pai dela, o bom e saudável amigo — que Deus haja! — Que o moinho se desvalorizara desde que o vendaval dismantelara as pás.

Que, em suma, só se fôra para lhe ser agradável, pois bem calculava as dificuldades em que ela se encontraria agora. Que só muito em conta, pois já não tinha empenho. Em suma, em suma, só para valer à filha do seu verdadeiro amigo, faria o sacrifício, em suma! Que já nem



Dotada de uma voz prodigiosa



... enquanto o pai consertava, pela primeira vez, as pás dismanteladas

mesmo poderia dar-lhe o que oferecera em tempos mas que... se ela quizesse uns oitocentos escudos...!

E Ti'Manel Rendeiro, olhando-a de soslaio, dissimulando o empenho, gritava para dentro ao moço da padaria: — «Eh, «Jaquim», traze-me cá o rol das contas dos fregueses.»

— «Ao menos, (balbuciou Rosinha) — arredonde-me a conta: — mil, um continho de réis.»

— «Ná, ná; não me convém, não me convém!»

— «Mas o Ti'Manel ao meu pai...» — (titubeou Rosa, humildemente).

— «Disse — (proseguiu o padeiro) — um conto e duzentos, disse; mas nesse tempo o moinho não estava como está hoje! Só o que eu tenho ainda a gastar com êle! Dou-te oitocentos escudos e é só para te valer.»

Ao passar-lhe em frente, como horrível visão, a imagem do seu menino com fome, numa expressão vencida, Rosa, confrariada rematou finalmente: — «Seja assim mas depressa! A'manhã a escritura!»

— «Vou já falar ao notário...» concluiu o Ti'Manel Rendeiro, pondo um bonet de oleado e saindo da loja.

Dois minutos depois de haver chegado a casa, via Rosa aproximar-se a Ti'Rosária com o seu menino ao colo.

Na tarde do dia seguinte, já assinada a escritura, Rosa, de volta do notariado e portadora dos oitocentos escudos, com o seu

Fizera já o forçado percurso de um quilómetro e meio, aproximadamente, a debater-se com a fúria das águas sem que ninguém lhe acudisse. Repentinamente, porém, viu atrair-se ao rio um homem corpulento que, preso a um grosso cabo, cujo outro extremo amarrara a uma árvore, se dispunha a salvá-la.

D'vido à sua força hercúlea, conseguiu antepôr-se à corrente, retendo Rosa em seus braços e trazê-la para terra onde, sucumbida, quase inanimada, mal se sustinha em pé. Contudo o seu primeiro impulso foi desatar a correr, exclamando aflitivamente: — «Toninho... Toninho, Toninho!»

Mas, como lhe faltassem as forças, ao avançar vinte passos, deixou-se cair. Voltou-se, então para o seu salvador, que a olhava intrigado, sem compreender o grande drama que se desenrolava em seu coração de mãe, e implorou-lhe que fôsse buscar o filho que inadvertidamente deixara.

Entretanto, o pobre pequenino, sentindo-se abandonado, chorava em altos berros.

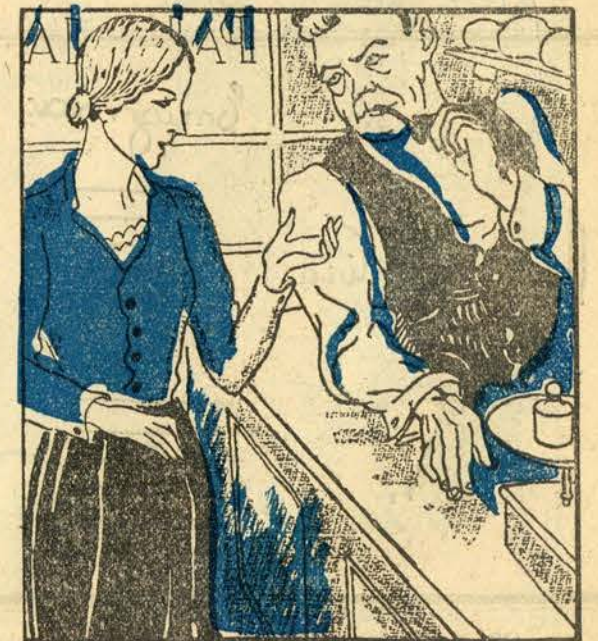
PRIMEIRA PARTE

A senhora Condessa de Olivete vivia em seu velho solar na grande quinta do Arco, assim denominada por ter à entrada, um arco monumental. Vivia só com seus netos Jorginho e Fina — (um menino de três anos e uma menina de dois) — além do numeroso pessoal da quinta, Frei Beato, capelão-mordomo, D. Ana, a velha governanta, Manuel, cozinheiro, Marta e Maria, criadas, o feitor Miguel, sua mulher Bernarda, e os trabalhadores da malta.

Frondoso parque enfeitava o solar, cujas trazeiras davam para a grande quinta, constituída por horta e grande pomar, vinha, lavoura, etc., num nível inferior ao do solar e do parque.

Era, pois, na parte baixa da grande propriedade, que ficavam situados o vasto tanque e o grande pogo da quinta, estabulos, adega, capoeiras, garage, casas da malta e a pequenina habitação do feitor, sempre muito asseada.

O papá e a mamã de Jorginho e de Fina, haviam morrido há seis meses, vítimas da grande epidemia conhecida por pneumónica e que, embora quasi debelada, estava



— «Ná, ná; não me convém...»



ainda fazendo algumas vítimas, principalmente em Lisboa.

lar, com pequenas interrupções: — as de cuidar dos porcos, das vacas, galinhas, pintos, etc.

O feitor Miguel e sua mulher Bernarda, encarregada de cuidar da criação da quinta, eram bastante amigos, vivendo relativamente felizes, sentindo apenas a mágoa de não terem um filho.

No niquelado despertador, em cima duma prateleirinha, entre maçãs camoezas, abóboras e outros frutos, soavam, agora as doze badaladas do meio-dia.

Nas suas cinco claras divisões da pequenina casa em que viviam, Bernarda cirandava tódo o dia, no arranjo do seu

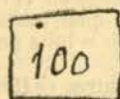
Costurando na pequenina saleta em que passava grande parte do dia, Bernarda olhava, quando em quando, para o portão da quinta, portão gradeado, através do qual se divisava a longa fita da estrada por onde o seu Miguel partira, às cinco da madrugada, numa «camionette», caminho da grande feira anual, conhecida por feira de Alcoutim, a quatro léguas da quinta. Devia estar a chegar.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)

Emigramas

A

mentira



V.



Maria Emilia

OBSERVAÇÃO: — O conto da nossa prezada colaboradora Mimi Grandela, saíu no nosso penúltimo número sem a respectiva dedicatória a seu tio Francisco de Almeida Grandela. Que a sua autora nos releve o involuntário lapso.

HORA DE RECREIO

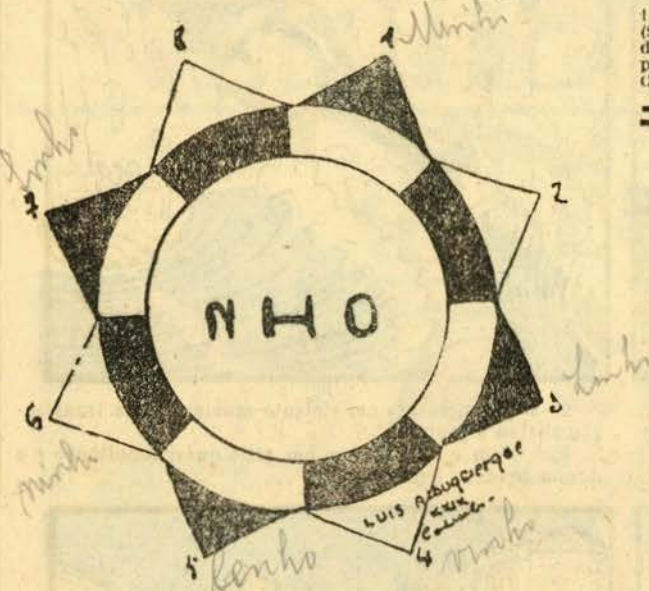
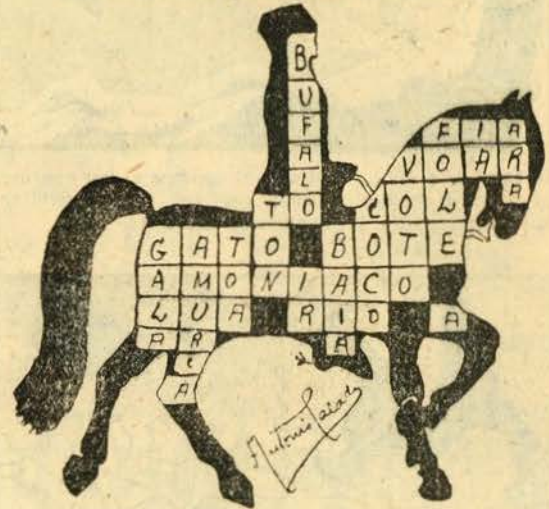
A DIVINHA

Solução das adivinhas anteriores

- 1.^a—Monte Carveiro (Faial) 2.^a—Cedros (Faial) 3.^a—Ilha do Bo (S. Antão) 4.^a—Canal das Hóias (S. Tomé) 5.^a—Brava (Cabo Verde) 6.^a—Malo (Cabo Verde) 7.^a—Formosa (Guiné) 8.^a—Gata (Espinha) 9.^a—Rio da Prata 10.^a—Porto Rico 11.^a—Lago Urso 12.^a—Guba 13.^a—Atalala 14.^a—Olivais 15.^a—Praia (do Ribatejo).

Palavras cruzadas

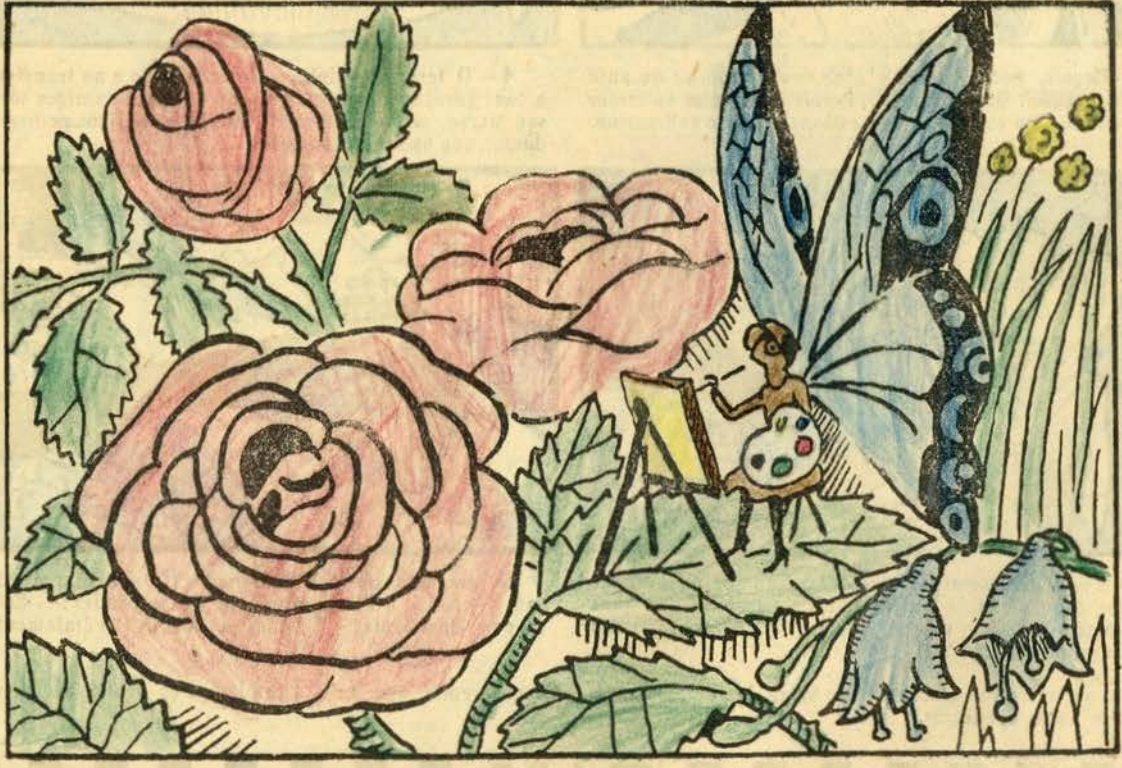
(Solução do problema o cavaleiro)



Juntar uma sílaba a cada ponta da estrela de forma a que, com a terminação NHO, se encontrem palavras com a seguinte significação:

- 1.^a—Provincia de Portugal 2.^a—Menino 3.^a—Pano 4.^a—Sumo da uva 5.^a—Golpe 6.^a—Berço de ave 7.—Fantasia 8.^a Imersão.

PARA OS MENINOS COLORIREM



Aventuras de PIM, PAM e PUM

por **Castafilé**

(Continuado do número anterior)



1—Acendi a minha lâmpada elétrica e vi um enorme morcego que fugia deslumbrado pela luz, para não voltar mais. No dia seguinte foi quando os encontrei.

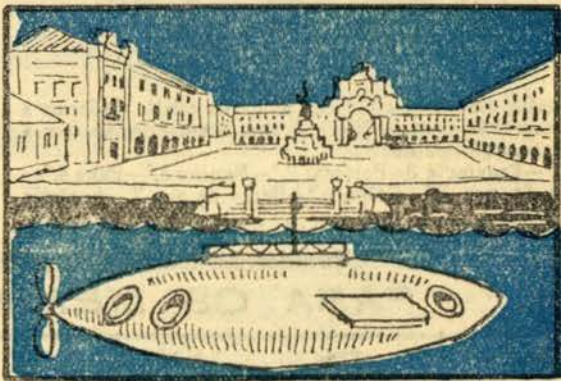


2—Nêste momento um violento movimento de translação abalou a gruta.

Pim, Pam e Pum deram um grito quási simultâneo e o doutor bradou: Um terremoto!...



3—Depois, pedras, terra e água envolveram-se durante alguns minutos. Quando os três heróis e o doutor voltaram a si, viram, com surpresa, que estavam sobre o submarino.



4—O terremoto tinha-o desencalhado e ao transformar a configuração da gruta, colocou os quatro amigos sobre o seu dorso, milagrosamente. Pim, Pam e Pum pediram ao doutor que os levasse a Lisboa...



5—E o doutor assim fez, desembarcando-os no Terreiro do Paço e prometendo que voltaria a buscá-los quando chegaria. Mas a família dos nossos três «gabitús» estava furiosa e quando entraram em casa...



6—preguntaram-lhes indignados: Onde é que estiveram?—Enão o Pim lembrou-se de responder:—Estivemos no «foot baal»!—E foram perdoados imediatamente.

Deixemo-los descansar por agora dos perigos passados e esperemos que o dr. Urandizaga os venha buscar para tentarem novas aventuras.

F I M